

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Revista Veja Class.: Chico Mendes
 Data 19/12/90 Pg.: 44 303

JUSTIÇA

Lances de impacto

Em Xapuri, uma seqüência de revelações no julgamento dos acusados pelo assassinato de Chico Mendes

O julgamento dos acusados pelo assassinato do líder seringueiro Chico Mendes teve início, na semana passada, com uma série de lances de impacto. Logo no primeiro dia, ao ser interrogado pelo juiz Adair Longhini, o principal suspeito pela execução de Chico Mendes, Darci Alves Pereira, 23 anos, confessou o crime. "Fiz tudo sozinho", disse ele, para surpresa geral. Em janeiro de 1989, quando foi preso, Darci também havia confessado ser o assassino. Mais tarde, mudou de idéia e disse que não tinha nada a ver com o crime. Seu terceiro depoimento, o da semana passada, é igual ao primeiro

quanto a seu papel na tragédia e também nas circunstâncias. Ao insistir que fez uma expedição solitária para eliminar Chico Mendes, movido por um irresistível impulso emocional de quem estaria ferido com as denúncias que o sindicalista fazia contra seu pai, o fazendeiro Darly Alves da Silva, Darci apresentou-se como uma pessoa que teria cometido o chamado homicídio não qualificado — nesse caso a pena maior é de vinte anos e a menor, de seis. Na outra hipótese, do homicídio qualificado, a pena pode chegar a trinta anos.

O lance seguinte ocorreu na sexta-feira, quando se apresentou o garoto Genésio Ferreira da Silva, de 15 anos, a testemunha-chave da acusação não apenas contra Darci mas também contra seu pai, Darly, que compareceu ao tribunal de Xapuri como acusado de ter sido o mandante do crime. Genésio contou, em detalhes, como ficou sabendo que os dois haviam tramado o assassinato. Relatou que na fazenda Paraná, de Darly, onde residia, ouviu uma conversa do fazendeiro com seus filhos e três empregados na qual se dizia, inclusive, que seria feita uma tocaia na casa de Chico Mendes.

PAINEL DE SELVAGERIAS — Genésio também disse que, poucas horas após o assassinato, estava em seu quarto quan-



O depoimento de Darci diante do juiz: "Fiz tudo sozinho"

pela família Alves da Silva e seus empregados. Um deles foi uma dupla de bolivianos que entrou na propriedade em busca de água, com 1 quilo de cocaína na bolsa. Segundo Genésio, Darci e Olocir, outro filho do fazendeiro, roubaram a cocaína, mataram os dois traficantes, jogaram os corpos no mato e não se preocuparam mais com o assunto. Quando Darly quis saber como haviam arrumado a droga, Darci teria respondido com indiferença. "Pegamos de uns trouxas." Em outra ocasião, mataram um menino de 15 anos apenas pelo fato de que ele poderia implicá-los na aquisição de mercadoria roubada — no caso, um tonel de inseticida. A lista de crimes não parou por aí. Um vaqueiro de 19 anos que trabalhava na fazenda e pretendia namorar uma das filhas de Darly foi trucidado no mato — antes de morrer, teve as orelhas, o nariz e os lábios arrancados a faca.

FOTOS PAULO JAIRES

do escutou, na varanda, uma outra conversa. "O homem está morto", anunciou Darci para o pai. "Quem atirou?", quis saber o fazendeiro. "Fui eu", assumiu Darci. "A vaca já está presa", respondeu Darly, que havia prometido realizar um churrasco para comemorar o assassinato. Genésio revelou outros detalhes. Um deles foi que ele próprio ajudou a matar a vaca, no dia seguinte. Também contou que nem Darly nem Darci tiveram tempo de participar do churrasco — com a polícia em seu encalço, embrenharam-se no mato com pedaços de carne crua na mão, em companhia de outras quatro pessoas envolvidas nos preparativos do crime.

Detalhado, o depoimento de Genésio também trouxe à platéia de uma centena de pessoas acomodadas na sala do tribunal um painel de selvagerias de todo o tipo cometidas na fazenda Paraná. Relatou, por exemplo, ter tido conhecimento de um total de oito assassinatos cometidos

também apresentou uma outra novidade. Havia dois anos que ele sustentava ter testemunhado diversos crimes ocorridos na fazenda. Em seu primeiro depoimento à polícia, há quase dois anos, ele relatara outros cinco assassinatos cometidos no mesmo lugar. Na semana passada, diante dos jurados, Genésio admitiu que uma parte de seu depoimento original era falso — essas cinco supostas vítimas simplesmente não morreram. Essa revelação não fez bem à credibilidade de Genésio, mas foi um recurso empregado pelo advogado Márcio Thomaz Bastos, da acusação, para poupá-lo de uma situação ainda pior — a bancada da defesa já estava preparando para exibir, à platéia, um relato detalhado sobre os mortos-vivos. Prolongando-se pelo fim de semana, o julgamento chegou a suas horas finais com um réu confesso, Darci, e com o destino de Darly envolto em mistério. Caso os jurados dessem crédito ao último depoimento de seu filho, o fazendeiro poderia ser inocentado. ■



Darly: ajudado pelo filho